

DE ASSIS, Valesca. **A ponta do silêncio**. Porto Alegre: BesouroBox, 2016. 88p.

Regina KOHLRAUSCH*

É do silêncio e da perda da voz que se revela / desvela a história do casal Marga e Rudy Treibel, trinta e três anos de casados, moradores de Cruzeiro, uma cidade 50 mil habitantes, pais de Vivian e de de Walter, avós de Renate e de Rudinho (Rude Neto). O enredo tem como ponto de partida o capítulo “Do fim ao começo”, antecedido pelo “Depois do almoço”, texto de abertura, que sinaliza para aquele que é o tema central do quarto romance de Valesca de Assis: a violência doméstica e o silenciamento da(s) vítima(s) femininas – “No melhor dos casos, a menina sentiria, no rosto, a mão ardente do pai. Deus foi muito bom, fazendo-a calar-se a tempo. [...] Tinha vontade de gritar a notícia: não morreu [...] Então gritou apenas para dentro de si.” – (2016, p. 13).

Marga, professora de escolas e da Faculdade da cidade nos últimos 18 anos, está no hospital, diante do delegado Leonel, querendo falar – “Quero responder que não, não preciso de nada [...]. Quero responder, preciso responder. Porém, um aro de fogo fecha-me a garganta, e as palavras queimam-se antes.” (2016, p. 15) – e não consegue. É a partir desse estado, sem conseguir falar, e desse lugar, hospital da cidade, que Marga, narradora e protagonista, vai alternando e/ou mesclando o passado e o presente, dando a conhecer sua história que não é apenas sua, mas de todas as demais mulheres, como ela, vítimas silenciosas da violência doméstica.

O romance compõe-se de vinte e quatro capítulos numerados, cada um com um título, sinalizando para o conteúdo da narrativa, antecédidos, como mencionado acima, pelo texto “Depois do almoço”, quando conhecemos um fragmento da infância de Marga: hora da sesta, “[...] do meio-dia às duas, horário em que são castigados os menores barulhos.” A menina brinca “[...] muito quieta com Viví a boneca de louça [...]”, brinca de mamãe amamentando, falando palavras macias “[...] ditas no silêncio. Falar desse jeito, sem qualquer som ou movimento, apertando os lábios para que nada escapasse, isso a menina

* Professora titular do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da PUCRS – Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 8 – Centro – CEP: 90619900 – Porto Alegre, Rop Grande do Sul, Brasil. E-mail: regina.kohlrausch@puccrs.br

aprendera bem atrás no tempo [...]. Muito cedo, deu-se conta do perigo de falar. Mas pensar e sentir, ah!, pensar e sentir não era proibido.” (2016, p. 09-10).

Essa sequência de capítulos é interrompida, entre o sétimo e o oitavo, pelo texto “Marcos, o outro, e muitos anos depois” no qual Marga, ao observar sua filha Vivian amamentando seu bebê, lembrou-se do tempo quando ela menina brincava de amamentar sua boneca, descrito em “Depois do almoço”. Também aqui, na cena recuperada pela memória, a hora é a hora da sesta, “[...] do meio-dia às duas, quando exige completo silêncio [...]” porque, agora quem dorme a sesta é Rudy, o marido que “[...] se acordado antes da hora, torna-se incontrolável. É igual a quando bebe: bate nas crianças, dá socos na cabeça, golpes de cinta nas pernas.” (2016, p. 37).

Se no fragmento de abertura somos informados acerca da necessidade do silêncio e a cena da menina com a boneca pertence, conforme sugerido, ao mundo do faz de conta, aqui o fato narrado, recuperado pela memória, é real, pois a mãe, Marga, está diante da filha, Vivian, ainda menina, solteira, amamentando sua filha nascida recentemente. É a partir dessa lembrança, sobre como ficou sabendo da gravidez da filha, que se toma conhecimento da efetiva violência física e psicológica contra mãe e filha: “A reação de Rudy foi a esperada: fúria, bebida, mais fúria e palavras sem medidas: - Vagabunda, sem-vergonha! – e já foi tirando a cinta, para bater. – Puta, puta, puta! Coloquei-me entre os dois, e recebi os golpes, todos os golpes.” (2016, p. 40). A filha ainda pergunta se a mãe não vai reagir, se não vai fazer nada, e ela, Marga, responde apenas para ela ouvir “Como iria reagir, preocupada em defender o rosto, os olhos, a face visível para os outros, na escola, na missa, no baile Germânico?” (2016, p. 40).

Retomando a sequência da narrativa do romance, que começa pelo fim, ou seja, da noite de 25 para 26 de dezembro, festa de Natal, acompanhamos Marga já no hospital da cidade, para onde se dirigiu após a morte do marido por trinta e três anos, Rudy Treibel. É no hospital, onde quer responder ao delegado, e não consegue porque “[...] um aro de fogo fecha-lhe a garganta [...]”, que Marga, entre o presente e o passado, vai narrando episódios de sua vida. Para isso, como a própria narradora afirma: “Desde o acontecido, minha vida tem sido mediada pelo que vejo e ouço, e pelo que escrevo.” (2016: 19), ou seja, usa como recurso a escrita para se comunicar, enviando bilhete aos filhos e escrevendo cartas ao delegado.

É a partir das cartas escritas ao delegado, buscando esclarecer a morte do marido, tentando entender o que aconteceu ou quando tudo começou, que Marga vai mostrando o

ambiente e detalhando as agressões sofridas ao longo dos trinta e três anos de matrimônio: “A cada dia, meu espaço e as marcas de minha presença diminuía. [...] Um vago mal-estar hoje, uma contrariedade amanhã, outra depois de amanhã. Há a rejeição de uma ideia, a troca de um bibelô de família por outro, de outra família.” (2016, p. 49).

É na escrita de si, de sua experiência, que narra a escrita dos outros, que dá a conhecer quem é cada um dos demais personagens que fazem parte desse enredo perturbador e ao mesmo tempo comovente. Perturbador porque mostra, a partir da ficção, a realidade passada e ao mesmo tempo ainda presente da condição feminina que, por razões diversas, ainda aceita silenciar acerca da violência e do desrespeito aos direitos iguais independente do gênero. Comovente porque é no hospital, lugar onde se vivencia o sofrimento e onde se busca a cura para todos os males, que Marga, além de narrar seu silenciamento, ao receber suas vistas, ouve o silêncio das demais mulheres, cada uma também vivendo ainda em silêncio. Comovente porque é, como escreve a narradora: “Hoje mesmo Dona Beta deixara o tapete na recepção. E quem me veja bordando, aqui no quarto onde estou, quase prisioneira e preparando minha confissão, talvez estranhe o que parece ser uma inconsequência, uma irresponsabilidade. Não sabem que é tão somente uma atormentada busca de sentido, no bordado e na escritura.” (2016, p. 59).

É a literatura, sempre a literatura, como diz Tutikian, nesta obra, *A ponta do silêncio*, pelas mãos da Valesca de Assis, que desvenda e expõe os dramas da existência e condição humanas, nos seus aspectos mais profundos e inquietantes, captados pela sensibilidade da escritora. É na perda da voz que a escrita de Valesca dá voz ao silêncio e denuncia o silenciamento. É no silêncio da leitura que se desvenda o silêncio da violência e o silenciamento da vítima.